Faz o que deves, aconteça o que pouder. | Curitiba, XX Setembro 1903 | O patriotismo é o ultimo asylo dos bandidos.

A voz do dever

Publicação occasional feita á cura de um grupo de homens livres

Em qualquer assumpto é livre a manifestação do pensamento pela imprensa ou pela tribuna, sem dependencia de censura, respondendo cada um pelos abusos que commetter nos casos e pela forma que a lei determinar. Não é permittido o anonymato. -- Art. 72, § 12 da Const. Federal.

Declaração necessaria

Esta publicação não depende do sacro sinodo de nenhum partido e responsavel em todo e por todo é, d'ella, só o grupo editor.

Declaramos isto para evitar supposições e insinuações de qualquer forma e origem, e porque não queremos que outros por identidade de principios venham considerados responsaveis de quanto é simples trabalho nosso.

O Grupo Editor.

Polinice Mattei

Recordando

Elle era um trabalhador: amava seus filhos e tinha fé na justiça social.

Um dia, era o vinte de setembro de 1898, uns quatro ou cinco mil analphabetas gritaram em frente ás janellas de um consulado: „Viva o Rei!"

Cheio de nojo elle respondeu:

— „Viva a anarchia!" —

A rua não é de todos . . . não têm qualquer pessoa o direito de criticar?

Assim porem não entenderão os cinco mil . . . entre os quaes existiam barabbas, capoeiras, vagabundos, caftens, camorristas, todos monarchicos dignos do rei . . . de elles. Em frente só se viam cinco ou seis rapazes inermes e mites.

Pois bem.

As bandas de musica entoaram a marcha-real . . . e os cinco mil derão prova . . . da propria infamia.

Polinice Mattei foi assassinado.

. . . Protecção de consules, de espiões, de bandidos, trataram de encobrir os nomes dos assassinos . . . e quem sabe se não foi melhor.

Mas o nome do primeiro martyr, da primeira victima do odio burguez, do fanatismo patriotico, em terra brazileira — de baixo o vexillo auri-verde—, fica registrado em lettras de ouro nos annaes da historia.

A voz do dever

„Faz o que deves, aconteça o que pouder."

* * *

Entre berros de bebados, lamentos de ineptos, imprecações de impacientes, fallatorios de tribunos da ultima hora e jaculatorias de impostores, calma, serena, cheia de confiança falla a voz do dever. Não vem dos atheneos repleta de sophismas, de sonoridades pindaricas e de flores rethoricas . . . e nem do trivio empestada de alcool.

Mas vem do intimo da alma toda feita de convicções e de enthusiasmos sãos e não pede a gloria de faceis martyrios e não põe um preço as soffridas perseguições:— assim balançada entre o mexerico e a calumnia, entre a represalha e a cilada, sorri e passa, indo direita ao fim almejado.

Porque pensa que acima de todas as culpas e os apouquentamentos humanos; fóra, longe de toda a podridão fecundada dos meios insalubres, acima de todo desalento, consoladora de todo desengano, austera está a historia para marcar o limite além do qual, o passado cessando o porvir abre os seus horizontes desconfinados á regeneração dos homens e dos povos.

Assim portanto, deixando o dogma aos fakires de qualquer igreja, sobre os reductos da fé humana em redor da cidade sagrada do ideal levanta o pavilhão resplandecente da *acção* e do *pensamento*:— *acção* constante contra o velho mundo e as suas cariatides, convencida que na inercia está a morte e na acção — mesmo se errada — o movimento, o calor, a vida; — *Pensamento* de liberdade concedida a todos, de sciencia ao alcance de todos e de convicção serena, logica e não septaria que deixa aos papas pequenos de cerebro e de coração, mas grandes (como grandes são todas as cousas vazias que enchão-se de ar e de fumaça) de vaidades, as faceis excommunicações que ao estalar das impotentes raivas partidarias mal escondem o histerismo espiritual.

* * *

Falla a voz do dever de cousas vivas, pulsantes de vigorosa actualidade; de dores proximas a nós; de corações sanguinolentes; de fracos a quem o embuste atira-se com o insulto; de virtudes mascaradas de opprobrios e de ignominias idolatradas como santidades; falla de mães que não têm nem leite, nem lagrimas; de velhos que nunca tiverão mocidade e de moços que nunca saberão o que é velhice; de martyres que nenhum martyrologio celebrará.

E brada aos soberbos Moizés recolhidos sobre o Synai esperando as taboas da nova lei e aos brahmanes que cochilam no ventre do proprio deus, que é a hora de accordar, que é a hora de descer, pois que a humanidade está cançada de mentiras e de sonhos.

E brada ainda, alto, retumbante para ser ouvida em toda parte que a unica philosophia racional e humana é a anarchica; philosophia de lucta e de conquista e não de renuncia: ideal que não mata o homem, mas sim o vitaliza.

Anarchia!

Curvae vergonhosos a testa vos todos que opprimis, vos todos que julgaes, vos todos que mentis . . . mas levantae-a, confiantes ao sol, vos que esperaes ainda depois de tantas desillusões, de tantas infamias.

Porque anarchia é justiça, anarchia é reparação.

* * *

Falla a voz do dever:

—Dizei ao velho mundo que a hora do *redde rationem*, da social apocalysse, está prestes e todos os homens de boa vontade achará — o erro — ao posto de combate, para vencel-o na ultima guerra.

—Dizei aos pequenos e aos máos, aos tolos e aos parvos, aos curtos de pernas e de pensamento, que vos deixem livre o caminho, porque tambem para os máos e os imbecis vos andae a conquistar a paz e a liberdade.

—E dizei a todos aquelles que hoje se recolhem em redor do altar da mentira collectiva, festejando uma data vazia de qualquer significação historica *que como deus, que como o estado, a patria ficou ella tambem uma palavra vazia de senso.*

Olhaes!

Sobre as estreitas fronteiras passa o pensamento libertador para abater os marcos indicantes o fim de um dominio e o principio de uma alfandega . . . e por acima dos Alpes, dos Uraes, e dos Andes, brada:

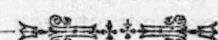
Viva a Humanidade, abaixo a patria!

* * *

E agora vae . . . jornal feito de pensamento nosso, de vida nossa, de sacrificio nosso, vae . . . atravez desta sociedade corrupta e saudando-te insultos de super—homens, ameaças de sycarios da ordem e tolas hironias de pobres de espirito, não te assustes, sigas o teu destino, vae . . . e aos apressados leva a boa nova do proximo advento da Paschoa da Purificação.

Curitiba, XX Setembro MCMIII

O GRUPO EDITOR.



Hoje a caserna é, o que não era outrora, proxima parente do seminario. O uniforme é tão estreitamente abotoado como a sotaina. O peito humano não está menos constrangido num desses estojos do que noutro. A obediencia passiva, a mesma no homem da igreja e no homem de guerra, parece ter por fim fazer anões. O capacete, como o solideu, comprime o cerebro. Todas as prescripções da obediencia passiva são outras tantas coisas que comprimem o homen, o deformam e diminuem.

Victor Hugo



O que se lê na historia

O que mais chama a attenção do homem sincero nos seus estudos sob a evolução contrastada da humanidade e da terra è a unidade definitiva que encontra-se na multipla variedade dos acontecimentos em toda parte do mundo habitado.

A historia um tempo constituia-se de historias diversas locaes e parciaes, sem que ninguem pecebesse como ellas todas convergem para um centro commum: a do Occidente rodeavam Babylonia ou Jerusalem, Athenas ou Alexandria, Roma ou Byzancio: a dos Aziaticos tinha seus fòcos em Cambalou, Nancking, Oujein, Bénarès ou Delhi; no novo mundo, antigamente desconhecido, outros povos estudavam Tezcuco ou Mexico, Cusco ou Cajamarca, milheiros de tribus selvagens imaginarem que o centro do mundo fosse um toldo de choras no meio das florestas ou talvez uma simples e rustica cabana na immensidade das pampas, um rochedo, uma arvore sagrada, á qual penduravam alguns trapos . . .

A historia, porém, é uma sò pelo mundo inteiro. Ella move-se em redor de Séoul, na praia do golpho de Petchili, nas espessas mattas do Congo, nos planaltos da Abyssinia, nas ilhas da Sunda, nas Antilhas, como em todos os lugares mais celebres, considerados um tempo como «umbigos» do immenso organismo terrestre.

Todas as fontes do rio outr'ora distinctas e fluctuantes subterraneamente reuniram-se num só leito e hoje suas aguas correm majestosamente á luz do sol. Assim a historia é hoje *universal* e patrimonio de toda a vasta familia humana.

As pequenas patrias locaes perdem sua importancia relativa na razão inversa do valor adquirido pela grande patria mundial. As fronteiras convencionaes sempre incertas e alteradas abaixam-se gradualmente e, sem perceber, o patriota mas fervente està-se transformando em cidadão do mundo: apesar da sua animadversão pelo estrangeiro, apesar da alfandega que o protege contra o commercio com outros paizes, apesar dos canhões apontados contra uns e contra outros de ambos os lados da linha de confins entre as nações, este come o pão que vem das Indias, bebe o café cultivado na America e na Asia, veste fazendas da Inglaterra, utiliza as invenções devidas ao trabalho combinado de mil inventores de todos os tempos e de todas a raças, vive dos sentimentos e dos pensamentos que milhões de homens conbinavam e dos quaes outros tantos vivem hoje de um polo á outro do mundo.

Pensamentos e sentimentos que hoje tendem a ser communs: eis a consequencia, de incalculavel importancia, determinada pela fusão das historias parciaes na grande historia universal. A phrase de Pascal: „Verdade aquem e erro alem dos Pyrinéos" transforma-se dia por dia num paradoxo cada vez mais ridiculo.

A comprehensão das mesmas leis scientificas, formuladas numa linguagem de precisão e identidade perfeita, a busca das mesmas origens intellectuaes, a veneração pelos mesmos nomes historicos, a constante preoccupação pelos mesmos problemas politicos e sociaes, a vibração armoniosa das evoluções paralelas que se reproduzem em cada collectividade communal ou nacional e finalmente a crescente amalgama das linguas, todo contribue para que os homens embora refractarios e rebeldes á solidariedade sejam patricios, sejam irmãos.

Por certo que essa evolução está bem longe de estar acabada e nos deveremos assistir ainda a muitas explosões dos odios nacionaes; mas isto não impede áquelles que vêm e prevêm comprehender o sentido dos acontecimentos e seguir seus certeiros resultados.

A historia nos ensina que o trabalho dos homens associados reunido á conquista e unificação da superficie terrestre não procedeu com movimento igual e continuado. Pelo contrario: periodos de reacção têm seguido aos periodos de acção, os regressos succederam aos progressos, o impulso geral para adiante determinou-se com uma especie de oxilhação comparavel ao vae e vem das vagas na marè enchente; o camminho collectivo da humanidade sobreveio alternado com transitorios arradamentos. Desde os mais antigos tempos cuja memoria conserva-se nos annaes constatamos um augmento prodigioso de riqueza e vemos que no complexo temos progredido na sciencia e na moral, quasi outro tanto que na riqueza material: a humanidade tomou sempre maior conhecimento de si mesma.

Porém, amiudadas vezes, os phenomenos de regresso duraram longe tempo e estenderam-se tanto que deixaram suppor uma irremediavel decadencia: imaginou-se assim que á idade do ouro tivesse succedido a idade do ferro e à esta a idade da pedra. Como escapar a esta illusão ao espectaculo de inteiros paizes recaidos na ignorancia e na morte, quando centenas de annos — como na idade media — transcorrem numa noite absoluta antes que os povos possam tornar achar a luz da sciencia precedentemente adquirida e reconheçam a via do

progresso outr'ora trilhada? Mas estes periodos reaccionarios são cada vez mais curtos, abreviam-se cada seculo mais e nos podemos estudar o seu compasso, prophetar a sua duração prevenil-a, esconjural-a, graças ao movimento accelerado do pensamento.

A historia nós mostra que todo desenvolvimento do progresso cumpriu-se na razão directa da maior liberdade de iniciativa, em quanto que todo movimento de reacção — fóra os casos de catastrophes naturaes sempre tem sido causado por uma volta á escravidão. O progresso de uma collectividade mede-se pela liberdade de pensamento e de acção dos seus membros. O augmento de vitalidade nos é dado só pela força e tranquillidade originadas pela ausencia de patrões, mas quando porém é preciso allinhar-se, medir-se, olhar inquieto em redor de si, no temer do cacete que ameaça castigo, ou as leis, os regulamentos, *oukases* amarram-vos de todosos lados — o espirito de invenção è exausto, o pensamento esteriliza-se, a liberdade de acção muda-se em habito, a vida depaupera-se e acaba-se por esquecer quanto tinha estudado.

Do mesmo modo num corpo senil as extremidades esfriam-se, e a vida concentra-se nos orgãos essenciaes para manter apenas uma lenta circulação do sangue.

O espirito humano, porém, pela sua infinita subtileza sempre escapa à compressão absoluta. Cezar Tarmelano e outros conquistadores devastaram o mundo, não deixando atraz de si que cadaveres e ruinas; mas quantas communhões ignoradas escaparam nos vallos escondidos entre as montanhas? Si a Inquisição torturava e queimava todos que amavam pensar livremente, quantos camponezes sinceros e bons, quantos filhos da natureza ficaram fóra do alcance das suas garras conservando na sinceridade da sua alma ingenua franca independencia! Do mesmo modo que nos contos das fadas, nas lendas das religiões os manacéos sempre poupam a criança que leva comsigo o invencivel destino.

Porquanto violentas as nações contra o avançamento da liberdade nunca puderam subjugar mais que uma parte do povo. O sonho atroz do imperio universal e absoluto nunca pude se realisar. Na lucta que em todos os paizes e em todos os seculos não cessou de se fazer entre o pensamento livre e a oppressão do pensamento — lucta na que constitue a verdadeira historia — só a liberdade — embora nunca tivesse alcançado o triumpho absoluto — teve a incomparavel vantagem do ataque: sua luz como a do sol resplandesce mesmo atravez das nuvens. O velho mundo está sempre na defensiva contra o mundo novo, mas as revoluções que succedem-se constituem para elle outras tantas derrotas.

A lucta continua ainda incessante e a victoria final ainda não se conseguia. A epoca das revoluções, apezar do que se diz, ainda não está fechada, e não poderá sel-o até que a evolução moderna nos espiritos chocará contra a resistencia dos interesses.

A mudança será tanto mais impetuosa quanto mais altos e solidos os diques e resistentes os materiaes. Se o jogo fosse livre entre as forças em lucta, si reaccionarios e libertadores — separados pela massa oxillante dos indifferentes — combatterem corpo a corpo sem alliança de forças extranhas as questões mais depressa estariam resolvidas e ás evoluções sequiriam pacificas revoluções nos tempos maduros; mas as massas do povo ainda não promptas á vida individual do pensamento e da acção livre constituem uma enorme força morta utilizadas pelos patentados a propria vantagem para derrotar os adversarios. O curso natural da historia é assim demarcado, mas a demena não transforma-se em paralysia absoluta, si o impulso moral é tão poderoso que suscite novos luctadores e abalar a fé daquelles que pugnam pelas velhas ideias.

Tudo que é incapaz de se renovar de se adaptar ao meio que evolve está condemnado de ante mão e a força brutal a nada servirá.

A utopia de hoje — tomando corpo dia por dia — será a realidade do amanhã.

Elyseu Réclus.

Os reis que assassinam

«Ladrões de joias, ladrões
«de titulos, assassinos,
«formam hoje o estado
«maior de Pedro Kara-
«georgevich, rei da Ser-
«via, reconhecido official-
«mente por todas as na-
«ções europeas!»

C. De Prevignaud.

Então aquelle caro Karageorgevich, não é senão um assassino, chefe de uma quadrilha de homicidas e de ladrões? Mas porque não lhe aplicam o artigo 248 do codigo Zanardelli; porque o Sultão não o manda a ver o que hai no fundo do Bosphoro; o Czar porque não o envia a trabalhar na Siberia, nas minas de mercurio, e o snr. Loubet porque não o relega a Cayenna?....

* * *

Ah! mas trata-se de um rei, de uma pessoa insuspeita. E seja assim: Porém, diz o senhor C. De Prevignaud que a conspiração contra a vida de Alexandre e da reina Draga, não foi organizada em Belgrado, mas sim em Genevra, na rua Bellot, no proprio domicilio do muito amavel senhor Pedro, hoje, (abaixo o chapeo!) Pedro I° que prometteu avançamento de posto a todos os officiaes, e bons empregos a todas as pessoas, que desejassem tomar parte na.... *abdicação voluntaria* de Alexandre. Sendo a crise medonha na Servia, como na Italia, como no Brazil, não faltaram enthusiastas... da boa causa... do ganho. As coisas andaram... e a cronica em breve tempo registrou tres tentativas... sempre mal succedidas.

Então o caro Karageorgevich cançado de tanto esperar, mandou a Belgrado o seu ajudante — todos os bandidos tiveram ajudante — Bolougtchick, com a ordem dè precipitar os acontecimentos custasse o que custasse.

.... E deu-se a fosca tragedia.

* * *

Pedro I°, cumpriu com a palavra e todos os executores materiaes e moraes do regicidio foram pagos a mão cheia....

Louvado seja Deus!

Temos agora um outro rei, christão, que com o diploma de assassino apresenta-se entre os seus collegas a pedir um pouco de consideração.

E merece-a.

Po que elle, S. Magestade, enche um logar vazio na rêal e imperial associação dos delinquentes atavicos, abençoados por deus, respeitados pelos congressos, mantido pelo povo, por causa do grande trabalho que cumprem em assignar leis excepcionaes contra os anarchistas.

Os quaes são os unicos que pagam vida com vida!

ANARKOVICH.

A firma
Rughini, Prina e Cª

Lenço ao nariz!

Falla-se de coisas immundas, de vermes nascidos no cisco, de caronhas cujo fedor afugenta os proprios corvos.

Lenço ao nariz!

Os esgottos cheios de todo o esterco humano, os esgottos (porque nenhuma mulher pode tér concebido dois mostros assim repugnantes) em um dia sem sol, em um dia em que a natureza dormia e o Bem era esmagado pelo Crime, cuspiram, vomitaram para a sociedade dois seres imqualificaveis, sujos, nascidos da lama, porque se criasem de lama...

„*Prina e Rughini*—"

Lenço ao nariz!

Uma mulher da rua, uma meretriz, que tinha roubado a uma nação generoza, a um povo, já heroico, um manto real, uma coroa hystorica, os recolheu, os creou, e depois fez d'elles dois viagiantes da sua firma, (dois sicarios) porque fossem pelo mundo a empestal-o dos seus bafos nojentos.

* * *

„Prina."

Se Caim existio, de certo tinha a tua cara de basilisco o maldicto resto de toda as sentinos policiaes da Italia, ... mas não da Italia de Garibaldi e de Pisacane, mas da Italia feudo de casa saboia.

Tu organizador de atentados *contra carros vasios*, tu carrasco de crianças, tu homem sem pudor, sem dignidade nenhuma, chegastes a pouco no Brasil . . .para o que?

Para insidiar, para calumniar, para pervertir. . .

Mas na tua cara de infame ainda molhada do cuspo que recebeste em Londres, apparece uma contracção diabolica.

Certo, tu organisaste já algum atentado . . . para obter a expulsão daquelles que o teu rei odeia porque não se aviltaram lambendo os pé de prostitutas e de carrascos.

* * *

„Rughini"

Vos o conhecei: elle esteve aqui. Passeiou as ruas desta cidade junto ao S. Colle e ao *benemerito* cav. Tattara . . . Esteve na repartição policial, esteve com o Vicente Machado . . .

Elle queria a minha expulsão porque dizia ter *uma velha conta* para saldar commigo.

Não obteve nada e voltou para S. Paulo onde vingou-se augmentando por meio dos seus confidentes as calumnias espalhadas a meu respeito ...... e que as imbecis recolheram a maior gloria da monarchia italiana.

Elle vingou-se,... elle, que mesmo na repartição da policia daqui tinha-se cobardemente escondido, .. elle vingou-se, atacando-me pelas costas, na minha fé, na sinceridade das minhas convições.

* * *

Pois bem, saiba elle, o marquez da suburra, saiba o Prina, saiba quem elles serve conscientemente e em boa fé, que eu aqui fico, sempre sereno, sempre convicto desta luminosa idealidade anarchia, á qual votei a minha mocidade, a minha saude, o meu bem estar...

E do alto dos meus ideaes, da minha dignidade, cuspo na cara aos *socios da firma* „***Prina, Rughini e Co.***" e a ***quem*** prestar-lhe os fundos.

Curityba, 18 de Setembro 1903.

Gigi Damiani.

PIO X

Annuntio vobis gaudium
magnum, habemos papa...

Será, Pio X, sodomita, ladrão, incestuoso, envenenador como Pio VI, ou hypocrita e feroz como Pio IX?

Dará elle a palavra de ordem por uma nova noite de São Bartolomeu, como Pio V; ou morrerá depois de alguns dias, ou mezes de pontificado victima de veneno, como Pio III?

Quem sabe . . .

Mas, bom ou mau que seja este novo vigario de Christo, nada nós devemos esperar da elle pelo bem.

O Espirito Santo, o divino Malachias das eleições . . . não fluminenses, mas apostolicas, não escolheu ao acaso no seio do conclave.

Ou elle, Pio X, é um tolo, destinado a ser o polichinella dos RR. PP. da C. D. G., ou é um grandissimo farçante que mostrou-se longamente humilde como Xisto V, e depois, chegado ao fim almejado, manifestar-se . . . aquelle que é geralmente um padre.

Mas mesmo que elle fosse um phenomeno, um crénte da velha estampa, um christão austero e convicto . . . nada approveitaria á humanidade tudo isso. O Christianismo è a religião da renuncia, o culto da cobardia.

Por esta fé . . . de eunucos nós somos todos irmãos: ricos e pobres . . . victimas e carrascos: — irmãos como o cordeiro è irmão do lobo, depois que este tem devorado aquelle.

A rebeldia é sacrilogio, e o reino dos ceus é reservado aos pobres de espirito . . . e para conquistal-o é preciso continuadamente negar-se a si mesmo.

A vida não vale nada, o que conta é o além tumulo. Porque cuidar das necessidades sociaes, do propio bem estar, do gozo das liberdades civis . . . uma vez que nós somos aqui em estado . . . de observação?!

Esta é a fé: o dogma è ainda mais monstruoso.

Deus AB-ETERNO sciente de todo. Elle já sabe que o homem — trabalho seu — será máu, mas não acha, na sua omnipotencia nada melhor a fazer por encaminhal-o para o bem . . .que mandar seu filho, isto é, um pedaço da SS. Trindade, a morrer na cruz.

Deus que condemna a si mesmo!

E este seu filho donde vem . . .

O Espirito Santo, não é a mesma coisa com o pae e com . . aquelle?

Então não achamos nós de frente de um escandalo . . . extraordinario?

Christo è fecundado no ventre da mãe por incubação do Espirito Santo. Mas a Trindade divina reune-se em um todo identico e substancial. Pois bem . . . Nós a denunciamos ao juiz de direito. Trata-se de um incesto orrivel, repugnante . . . e confesso.

. . . . Porém os sinos ainda vibram a festa; as altas autoridades . . . mesmo republicanas, achão-se ainda commovidas . . . porque HABEMOS PAPAM!

Gaudium magnum!

Mas no entanto os cristãos da Macedonia morrem esmagados por os janizaros do Sultão e Elle, Pio X, cala-se . . . como calado ficou o seu predecesor em frente do eccidio dos armenos . . .

Frei Blacmann.

Os parasitas

Não os ha sómente entre os vegetaes, nem, no reino animal, em degraus inferiores: subindo na escala dos *bichos*, encontramos entre os mais *nobres*, entre os bipedes, varias especies desta simpatica familia. E estas especies não são das menos interessantes.

Vemo-los a todos os cantos, nedios e luzidios, felizes e sorridentes, passeando, palestrando, pavoneando-se, impando de gozo e de satisfacção, com o ar beato e tranquilo de quem considera esta vida um mar de delicias e uma pandega completa.

Distinguem-se dos bipedes productivos por varias ordens de distintivos e emblemas. Em globo, conhecem-se pelo seu ar contente e grave, pelas suas maneiras superiores, pelo seu asseio. Entre uns e outros ha, porèm, ainda certas diferenças. Uns, esmeradamente vestidos, do mais fino e do mais caro, usam com frequencia grossas e ricas correntes de relogio, anneis de brilhantes nos dedos, castões cinzelados nas bengalas, e outras joias ou adornos selvagens. Outros, quasi sempre nutridos e reluzentes, vestem de negro, uma especie de saia como as mulheres, e têm a singular mania de pedir ao barbeiro que lhes abra á navalha, no alto da bola que nos homens uteis se chama cabeça, uma roda em forma de moeda — clara alusão ao proprio parasitismo. Outros ainda trazem um facalhão ao lado, que é ás vezes arrastado com ruido pela calçada, trajam d'um modo estravagante, com cores vistosas, e olham sobranceiramente os outros mortaes humildes.

Todos estes seres nocivos vivem á custa dos que produzem e que por elles são obrigados a substituir o trabalho agradavel que dá vida e alegria pela fadiga brutal que mata e arruina. Elles dizem viver dos seus rendimentos, do seu dinheiro, que certamente, se fosse semeado, não daria fructos, nem se multiplicaria, se fosse encerrado num cofre. Do que elles vivem, na realidade, é do trabalho alheio, criador de todas as riquezas. São portanto *souteneurs*, como aquelles que vivem do amor vendido das prostitutas.

Estes *souteneurs* gabam e prescrevem — sobretudo aos trabalhadores — uma trapalhada de preceitos excellentes, que se juntam sob a bonita designação de *moral*. E uma das coisas que essa senhora Moral condemna e reprova è o parasitismo dos *caftens* ou *souteneurs*, esmagados sob o formidavel peso do desprezo publico... Mas, para obedecer ao ditado — todos vêem o argueiro no olho do vizinho e ninguem vê a tranca no seu — a D. Moral sò para os que vivem das meretrizes tem desdens e censuras. Quando um parasita encontra na rua uma pessoa util, qualquer amante da logica e da moral poderia para afim de ver a atrapalação do pobre *souteneur*, — que decerto vai ficar todo envergonhado, escondendo-se ou passando cabisbaixo e humilde ao dar de cara com o trabalhador — que é o seu bemfeitor, o que o mantém naquelle luxo. Coisa curiosa! sucede exactamente o contrario: o trabalhador passa rasteiro e servil, fazendo resgados cumprimentos, ao passo que o parasita, que o nosso bom amante da moral ingenuamente esperava ver córar, caminha orgulhoso e direito, com uma só branceria suberba de fidalgo!!!

E' que todos os *souteneurs*, todos os rufiões, tanto os das desgraçadas que prostituem o baixo-ventre, como os dos infelizes que prostituem os braços — aquellas e estes por um *salario* — são irresistivelmente levados a desprezar, a espancar, a olhar superiormente, a *governar*, emfim, os seus protectores de alcouce.

E os parasitas de que nos ocupamos têm um meio facil de dominar: tem nas suas mãos tudo aquillo de que os trabalhadores necessitam, alem dos seus braços e da sua vontade, para produzir as coisas uteis ou indispensaveis á vida. Tem as ferramentas, as maquinas, todos os instrumentos de trabalho, todos os materiaes, toda a terra e seus fructos.

Tudo isto é alugado ao trabalhador, que deixa em paga, nas mãos do alugador, a maior parte do que produz, com uma resignação que dá vomitos, acreditando estupidamente nas palavras desse usurario, que lhe diz: «Meu caro, és *livre*; se não te serva o salario que te dou caridosamente, a pequena parte dos teus productos que te deixo levar, vai-te embora; ninguem te obriga a alugar os braços.» O pobre diabo volta para casa, e encontra ao pé dos filhitos e da mulher, uma senhora muito feia, chamada D. Miseria, que lhe faz este discurso ajuizado: «Aceita! que remedio tens tu? Pouco é melhor do que nada.»

A's vezes o productor, apesar de muito crédulo, apesar de seu respeito pela *propriedade* do seu senhor, amontoada com a sua fadiga, acha que è demais a pouca-vergonha do parasita, não pode suportar as comichões e zanga-se, isto é, coça-se. E' o bastante para levantar alvoroto entre os bichos que lhe gritam que esteja quieto, porque, alem de tudo, elles lhe são muito necessarios. Imaginai a graça que tem um piolho a demonstrar ao porco que o mantem, lá do alto da cabeça, a propia utilidade ou necessidade!

Os taes que vestem de negro como os corvos e que recebem nomes diversos nas diferentes latitudes — padres, pastores, bonzos, feiticeiros — dizem-lhe com brandura: —„Tem paciencia, filho. Tu, quando julgas que morres, não morres; mesmo depois do morto, continuas a viver, indo para um ceo delicioso, se fores resignado e obediente neste mundo, e arder numa caldeira, se julgas que o *nosso* é teu tambem, e queres gozar nesta miseravel vida."

Mais muitos acham já a mentira gorda demais e estão desconfiados, havendo mesmo muitos que assobiam irreverentemente o prégador.

Vem então seus parasitas que uns aos

outros se chamam *sabios, economistas, doutores*, etc. que começam a dizer gravemente: „Desprezivel ignorante: tu não percebes nada da nossa *sciencia*, mas em-fim ouve ao menos isto: — Não ha que chegue para todos; a terra é pequena. Que seria dos hemens sem directores? Respeita a lei! Sê patriota!“ Etc.

Mas alguns já descobriram o jogo e respondem: — „Os homens, com o bem estar irão adquirindo a consciencia do fim, da sua responsabilidade e saberão cada vez melhor adoptar o globo á sua felicidade e dirigir a historia e as leis da população. Se não ha productos em abundancia, è porque vòs, parasitas, tendes o monopolio dos meios de produção, utilizando-os em vosso proveito exclusivo, estupidamente, Não ha tantas materias primas abandonadas? Não ha tantas máquinas inactivas? Não ha tantos braços desocupados? Não ha tantas terras incultas e outras mal cultivadas? Porque ha tanta gente descalça, rota, esfomeada ou mal alimentada, sem abrigo ou mal alojada, quando ha tanto couro para o calçado, tanto tecido para o vestuario, tanto campo para semear, tanta pedra ou barro para construir, e tanto sapateiro, tanto alfaiate, tanto agricultor, tanto pedreiro em busca de trabalho? E porque se trabalha tanto, quando ha tanto material e tanto braço para construir boas maquinas, que tornariam os serviços leves e agradaveis? E para que servem directores, se os trabalhadores associados conhecem melhor o seu trabalho que os ociosos acionistas? Que nos importa a patria, se vòs roubàis nacionaes e estrangeiros, se nada tendes que defender, se os inimigos sois vós unicamente?“

Um terceiro parasita, chamado *o politico*, toma a palavra e diz eloquentemente, batendo no coração: — „Trabalhadores, meus amigos: tendes razão. O reino da justiça ha-de vir. Ha-de vir, sim senhores, digo-vo-lo eu! Mas respeitai a *evolução* ... *legal*, respetai a lei! Só assim. chegareis, com paciencia. Confiai em mim: eu tratarei dos vossos negocios. Ide para casa socegados, que eu cà fico a bater-me por vós, a dar a vida por vós.... na rude poltrona d'um parlamento!» etc.

Alguns, porém,. encolhem os hombros e dizem sem cerimonia: «Historias, a lei é feita por vòs, pelos que mandam, contra nós. Sò com o nosso esforço chegaremos: não cremos que vos retireis de boa vontade. Mãos á obra, rapazes!»

Entra então em scena o parasita de faca e... mantém a *ordem* (em linguagem de gente pobre: socego para fazer as boas digestões, e impunidade no roubo), apresentando por sua vez sòlidas razões de aço... de baioneta, muitas vezes empregada por infelizes trabalhadores que perpetuam e augmentam assim a propria escravidão!

Uns poucos de insubmissos-a quem os parasitas chamam *criminosos* — tratam de convencer os outros da necessidade de se armarem tambem; e alguns, fatigados de esperar, abafando numa atmosfera insalubre, desesperam-se, avançam sózinhos e esmagam um dos mais gordos parasitas, expondo-se ás iras furiosas dos outros.... e até dos proprios companheiros!

Ahi fica a descripção dessa classe de parasitas de duas patas, desses animaes inuteis e nocivos que vivem á custa dos outros e impedem que os meios de producção sejam de todos e utilizados em proveito de todos; que não vendo um palmo adiante do nariz, no seu cego e estreito exclusivismo, regulam a producção no seu interesse, deixando na rua sem trabalho milhares de homens *esfomeados*, quando os productos são *demais* (!), por causa dos preços, por causa do inutil dinheiro; que para os seus habitos de ociosos saces digestivos e de governantes, criam trabalhos prejudiciaes, onde se empregam milhares de braços; que, numa palavra, reduzem o trabalho a uma fadiga infernal. Ahi fica o retrato dos parasitas que devem ser expropriados dos meios de producção, sendo estes postos á disposição de todos os que trabalham e querem satisfazer as reclamações das suas necessidades.

São nojentos: o habito de mandar, o seu parasitismo tornou-os degenerados e repugnantes. Mas repugnantes são tambem aquelles que os suportam, obrigando *a gente limpa* a suportal-os do mesmo modo. Quando vemos um homem ascorosamente coberto de parasitas — piolhos, pulgas, persevejos, etc. — temos mais nojo delle que dos bichos. A ignorancia é a porcaria do proletario, sujo e resignado.

Por isso, temos na boca este grito constante, dirigido ao escravo moderno:

—Lava-te, porco dos diabos! Desinfecta-te porcalhão!

São Paulo, Setembro 903.

NENO VASCO.

Lei d'expulsão

O paiz do «bicho», dos desfalques, das notas falsas, dos favoritismos olygarchicos e da jogatina'... *beneficio*, isto é o paiz da **ordem** e do **progresso** — na mesma hora que abre todas as suas portas á negra invasão ultramontana, (á verdadeira bubonica do espirito), — elabora — macaqueando a Argentina — a sua boa **lei** d'expulsão dos estrangeiros, e.... (segundo as louvaveis intenções do magno senado) tambem dos brasileiros .. suspeitos.

E' porem em defeza da ordem publica ameaçada pelo espectro da guera civil que esta lei de *violação* — no meio da absoluta apathia do povo — vem invocar uma reacção feróz, estupida, brutal e inconsiderada?

Não! — E' um acto de covardia, de servilismo sem nome, que a Republica quer effectuar em favor das chancellarias do despotismo europeo, assim dignamente representado pelos Prinas, pelos Rughinis e pelos consules... reclame do cognac francez.

A ordem não é ameaçada por nenhum partido; não se ameaça o que não existe.

E se tem alguma cousa que atiça — emquanto o paiz, por uma *debâcle* espantosa prosegue ne maior vergonha — nos velhos rancores e nas novas iras .... ou alguem, é o esqueleto de Pedro II. que sorri gravemente do tumulo frio em que jaz, pela boa propaganda de dissolução e de reacção que os republicanos, das conveniencias, estão fazendo.

Porém não é contra aquelle esqueleto que a lei de residencia vae combatter uma deshonrosa batalha. Mas sim, *contra quem defenderia encarniçadamente a Republica por um regresso ás velhas instituições*.... a defenderia sem calcular as gottas do sangue derramado.

* * *

Pega o anarchista?!.... Que seja!.... Mas permitti-nos observar-vos que o anarchismo não é um perigo mas sim uma salvação; — não è desordem, mas ordem .. como a revolução não é a bomba, não é o punhal.

Senhores, a revolução é alguma coisa mais do que pensais. E' a distruição, ou a transformação continuada dos meios e dos systemas, tendo sempre em mira uma reedificação em sentido de adiantamento, de melhoramento, social e moral. A revolução violenta, isto é, o attentado, a insurreição armada... não foi o anarchismo, a excogital-a:— já existia e não houve evolução religiosa ou politica que não levantasse o pavilhão da guerra civil, do crime, da vingança. E se existe um partido que não tenha as mãos manchadas de sangue que as levante. Nós, não pregamos a violencia, mas somos violentados. E si no inevitavel conflicto entre o proletariado faminto de pão e de liberdade e a burguezia estupida e egoista, nós levantamos uma palavra que parece de revolta... reflicta-se bem e se comprehenderá que è palavra de esperança, que mostra *para todos* o amanhã de paz e de descanço, no seio d'uma sociedade de livres e de iguaes.

Si fosse possivel, quem teria de procurar evitar a guerra civil, seria o Estado, seria a burguezia.... Mas não. Elles, contra a historia que avança, surgem, oppondo ao progresso, uma lei jesuitica e cruel... negando violentemente o desenvolver-se gradual da evolução. E não reflectem que violencia chama violencia e que serão arrastados.

A alavanca das reivendicações humanas passará por cima d'este novos Licurgos a 15$000 rs., e passará por cima dos codigos que elles elaborarão em favor da plutocracia, em favor do despostimo.

Pensais que não?...

Pois bem... fòra os estrangeiros, que não são estrangeiros em nunhuma das patrias, porque querem a fraternidade universal dos povos... Fóra os estrangeiros que não provocam desordem nenhuma, porque querem a ordem unica e verdadeira, isto é a que tem por base, não uma egualdade metaphisica, mas a satisfação de todas as necessidades — para todos, sem destincção de raça, de côr, de origem, de merito.

Fòra os estrangeiros que a autocracia europea reclama para conseguir as mais torpes vinganças: tudo isto dará novo esplendar á Republica.

Fóra.....

Mas... e depois?...

Os torturadores de Galileo Galilei conseguiram por ventura com a Inquisição deter a Terra na sua eterna viagem atravez do infinito?...

GIGI DAMIANI.

UTOPIA

Tal é a palavra que incessantemente escapa dos labios de muitos luminares da sciencia e de muitos parasitas dessa corrente inconsciente chamada politica.

Quando se demonstra um principio filosofico, que fere os interesses duma classe privilegiada, os directores della, os seus admiradores de compromisso exclamam alvoroçados: Utopia! utopia!

Quando um principio economico se impõe pela sua bondade, pela sua razão de ser, é tambem anatemizado com o qualificativo de *utopia*, não se vendo que assim se nega a inilludivel lei do progresso, reconhecida luminosamente pelas verdadeiras intelligencias.

Os que sustentam, ou melher, os que têm a mania de qualificar de utópicas certas ideias, estamos em dizer que ou são nescios, ou loucos, ou os cegam as conveniencias.

Para mostrar a injustiça deste qualificativo, cremos indispensavel notar o valor da palavra *utopia*. Utopia, segundo os diccionarios que temos á vista e estão despojados de conveniencias academicas e governamentaes, costuma dizer-se de qualquer ideia aceitavel em teoria, ainda que impossivel de realizar; mas todos estes diccionarios, um tanto razoaveis, nunca se esquecerão de pôr antes desta definição a abreviatura *fig.* (figurado), que precede tambem uma definição de *anarquia*, palavra cujo valor se pode apreciar nos differentes periodicos libertarios. Resulta que a palavra *utopia* devia desapparecer dos vocabularios ou pelo menos designar contos tão fantasticos como os das *Mil e uma noites*.

Mas deixemos por hoje o labirinto da fraseologia e as definições das Academias e admittamos mesmo por um momento a confusão das linguas.

Ha uns principios razoaveis que nós cremos ser os que hão-de emancipar o proletariado: a Anarquia e o Comunismo.

Quando algum ser ou colectividade sustentou esses principios, largamente defendidos e reconhecidos pela filosofia nova, chamaram-lhe logo *utopista*; mas vendo-se que tal anátema, sem uma séria discussão valia tanto como as excommunhões dos nossos cegos mitrados, recorreu-se a essa barbara medida usada pela presente organização para se impôr a tudo: *a violencia*. A ella se recorre sempre; com ella julgam impôr-se e manter um silencio sepulcral. E nós, protestando embora contra a palavra *utopia*, vemo-nos obrigados, ante tão inqualificavel conduta, a dar-lhes o nome de *utopistas*. Porque nós, quando defendemos a anarquia ou o communismo, apresentamos razões e convidamos quem quer que seja á discussão, ao passo que a nós não nos demonstram, longe da força bruta, a razão de ser do poder denominado Estado, a lógica da accumulação do capital em mãos que não sabem produzir, a necessidade da criação odiosa de fronteiras entre as nações e entre os povos. Metam os politicos a mão na consciencia e digam, com a franqueza dum homem honesto e sincero, se isso é ou não verdade.

A palavra *utopia* não deve ser lançada sobre os anarquistas; estes raciocinam e discutem, não mordem, como vós, politicos, pretendeis fazer crer a muitos incautos que inconscientemente seguem as vossas bandeiras deshonradas. Sabei que os nossos ideaes não são teoricos: são praticos, mas duma pratica que nunca pudestes nem soubestes seguir desde que arrebatastes o poder á aristocracia.

Observai o nosso modo de agir; estudai por um momento a nossa organização; olhai a nossa administração, os nossos interesses que são de todos e de cada um; ouvi as nossas discussões sem a autoridade presidencial que reconheceis como indispensavel, e esperamos que, ante esse quadro, direis com franqueza: *Não sois utopistas*.

E' sem necessidade de procurar mais argumentos; não viam os nossos avós uma *utopia* uas ideias já realizadas de liberdade? Não se assustavam mesmo ao pensameuto də ver por terra as testas coroadas, e em seu logar uma repubiica? Não era para elles indiscutavel essa *divindade* que as seitas religiosas apresentavam á vista umas vezes, e outras no misterio mais profundo? Sem duvida; a historia o affirma, dados səguros e demonstram claramente.

Pois bem: tudo succedeu e continúa representando-se na comédia desta sociedade. As coroas, nmas desapareceram, outras tremem; as republicas existem e as religiões desapparecem envergonhadas da sua obra, fogem dos raios despedidos pela razão para destruir a fé. O que hontem era *utopia* para todos os que se prezavam de sabios, é hoje realidade.

Não pode dar-se o que é hoje qualificado de utopia, seja realidade amanhã, servindo para a felicidade dos povos escravizados pela tirannia do capital? Tudo esperamos do progresso, e portanto trabalhamos activamente para transformar esta sociedade de explorados e exploraderes, numa em que todos sejamos livres de produzir e de consumir e d'onde desappareça o monopolio capitalista.

Repetimos: não nos cabe o epiteto de *utopistas*. Utopia, verdadeiro impossivel, é pretender impor-se á manifestação do pensamento e á razão dos principios por meio da força bruta.

A utopia està no irrealizavel, e nòs cremos que o irrealizavel é impedir a constante marcha do progresso. Sempre, em todos os tempos, sustentaremos isto.

S. Paulo, Setembro 1903

Juan Bautista Perez.

A proposito de uma grève

A opinião publica — moça virtuosa — já pronunciou-se com respeito á greve, ainda não acabada, da Capital Federal ...

O seu caften — o jornalismo mais ou menos independente — deu-lhe informações exactas sobre os acontecimentos e as causas que provocaram a *parede* dos operarios du Rio.

Assim — a boa moça — diz que causa de tudo foi ... o anarchismo exotico ...etc.

Nada de miseria.

A miseria é rethorica revolucionaria.

E' por isso que nòs — aproveitando alguns *momentos de sinceridade* em que cahiram jornaes, não nossos, mas da ordem, reproduzimos aqui abaixo certos *pedacinhos de ouro*... que — quem sabe? — poderiam ocrigar aquella boa moça a um pouco de reflexão.

Escreve o redactor chefe do „Paiz“:

«Como se vê, o momento é de maior delicadeza, e parece-nos que, em vez de andar a policia a procurar saber quaes são os autores da greve e attribuil-a a manobras de anarchistas recentemente desembarcados neste porto, melhor faria tentando entender-se com os representantes das corporações, ouvir suas queixas, esforçar-se por promover junto aos donos das fabricas algumas das concessões que os operarios reclamam O que é que elles pretandem? A reducção das horas de trabalho e o augmento de salarios Não ha hoje espirito emancipado de preconceitos sociaes que não se commova com a situação do proletariado, exposto todo dia ás mais rudes e fatigantes tarefas, sujeitos a accidentes' sem a segurança de um apoio na doença ou na velhice, que vem rapida e impiedosa, atirando para o soffrimento da miseria e para as humilhações da esmola — especie de casta infeliz, mais proxima da servidão que da apregoada e mentirosa igualdade perante a lei.

Trabalhar dez horas e ás vezes mais por uma migalha, que mal chega para uma pessima alimentação, sob um regime duro de vigilancia, quasi sem pausa, perseguido por multas, maltratado em geral pelos patrões, não é modo de vida com que ninguem se acomode e que será sempre causa de descontentamentos, de angustias, de queixas, de revoltas».

Reclamações operarias?... Mas os operarios passão muito bem...elles vivem em um mar de arroz....

Mas ouvi a «Plateia» si não acreditais!

«Havia quem acreditasse que um tecelão, por exemplo, ganhava seis ou oito mil reis por dia... Sabe-se agora que um tecelão vigoroso, trabalhando dez ou doze horas, sem quasi tempo para ingerir a parca refeição, ganha apenas uns tres mil e quinhentos reis por dia. Tirando os domingos e os feriados do mez, tirando as multas frequentes, quasi inevitaveis, é uma quantiã insignificante o que lhe resta, para todas as despesas· E essas despesas não estão de modo nenhum na proporção do salario: começa porque a casa que a fabrica lhe impõe para morar é de alugnel pesado. Basta dizer que no Bangù esse aluguel é de SESSENTA mil reis por mez! Ha ainda, o armazem montado pela companhia, onde o operario è obrigado a comprar, ha umas celebres caixas de emprestimos com juros inauditos, ha pharmacia, ha medico...

«Tres mil e quinhentos é o salario do trabalhdor adulto e forte. Um menor, até 16 annos. ganha seiscentos reis mais ou menos.... As mulheres, as pobres raparigas franzinas, as meninas rachiticas recebem uma ninharia.

«Em quanto a operario vive em constante miseria, as companhias que exploram a industria de tecidos distribuem enormes dividendos por seus accionistas, e as gratificações aos gerentes são espantosas. O gerente de uma das fabricas recebeu o anno passado — DUZENTOS CONTOS de reis de gratificação. O gerente da fabrica do Bangú despediu se ha pouco tempo, porque não recebeu como exigira, uma gratificação de muitas centenas de contos de reis.»

Mas tudo isto não impede que os violentos sejam os anarchistas, violentos perturbadores. etc. Vai ahi a prova nas palavras de um comandante de um destacamento de soldados. .. de *segurança* (?) publica.

Hoje é dia de matarmos gente....

.... Silva Jardim, Saldanha Marinho... descançai em paz....

A Republica é esta!

Giani Gianida

Os operarios dispõem de um poder formidavel; assim que elles se derem conta disto e se resolverem a usar da força que teem, coisa alguma lhes poderá resistir.

Max Stirner.

Ao rio, ao rio! . . .

(*Ectore Prina.*)

O seu nome fez-nos tremer todos os nervos como se estivessemos sob a acção de uma corrente electrica. Dize-lo é achar-se em frente desse esbirro de labios torcidos num diabolico escàrneo que fere com uma punhalada, desse policia que fez derramar um lago de sangue e distribuir pelos tribunaes militares de infame memoria seculos de galés. Vemos a policia que é policia pelo odio que nutre contra o genero humano, pelos instintos de malvadez que o fizeram comparar à hiena, pelo prazer immenso que elle sente em levar a desgraça ao lar dos outros.

Na patria ou no estrangeiro, no ambiente policial ou no ambiente privado, velho ou velhissimo, elle ouvirá sempre zumbir aos seus ouvidos as tres palavras que resumem o seu tipo de funcionario scelerado: canalha! criminoso! odiador dos homens! O seu craneo estará um dia num museu de antropologia criminal, como o de Tropman, de Humberto I, de Bava Beccaris.

Elle odeia, nasceu para odiar. Onde elle está, estão a opressão, a violencia, a destruição da vida. Por toda a parte deixa lagrimas. Despedaça a juventude com a perseguição, dilacera o bom nome dos naufragos com o dinheiro da espionagem, aniquilla a existencia dos que não vergam sob os seus joelhos, fazendo-os habitar os cárceres perpetuamente.

— Como policia secreta dá largos a todas as suas raivas, a todos os seus rancores, a toda a sua perversão. Põe-se em pé como uma furia, como uma vingança, como um demonio do inferno social. Na sua secretaria de S. Fedele esbofeteou, escarneceu, maltratou, infligiu o castigo das saus mãos e dos seus pés, cuspiu o seu catarro sobre mais duma face irrorada de pranto. O seu brinquedo era o revólver.

Todos sentiram o horror provocado pela revelação do jovem de 17 annos, Sante Callegari, perante os tribunaes militares. Chorava, fazendo a narração, dizendo que para o obrigar a confessar o Prina, o truculento Prina, o Prina que só goza com a dôr alheia, lhe apontara à fronte e ao ouvido o revòlver. O policia negou com aquelle seu focinho que gela o sangue, mas a mãi que se encontrava entre o publico, a mãi que vira entrar em casa o rapaz mudo de espanto, gritou:

— E' verdade! é verdade!

Foi o momento mais trágico do processo.

— E' verdade! é verdade!

Burgueses e militares, jornalistas e acusados foram invadidos pelo calafrio que vai ao centro da vida.

Policia! policia! Na historia italiana não tens rival. Excedeste-los todos. Foste alem da perfidia e da ferocidade de Bolza. Em 98 encheste as prisões, biographaste as tuas victimas com a fraseologia que destroe a reputação e fizeste condemnar innocentes ás centenas.

Criminoso! canalha! mastim dos socialistas! carrasco dos anarquistas! ao rio! ao rio! Para ti não ha logar neste mundo. Tu viverás execrado, boicotado, evitado por todos como um leproso, como uma serpente venenosa, como um ser horroroso. Ao rio! ao rio!

O Foliculario que o conheceu.

(Do „Amigo do Povo“)

Se os individuos não são bastante intelligentes para saberem dirigir-se a si mesmos, por que milagre o vêm elles a ser para dirigirem os seus similhantes, obra ainda muito mais dificil? E se esses individuos mais intelligentes existem, por que milagre tambem saberão escolhe-los os que não sabem dirigir-se a si proprios?

JEAN GRAVE.

A Hydra

(vendo passar seminaristas)

Olhae, vede-os passar em legiões escuras,
Intensos, apezar de todas as tonsuras,
Com um ar imbecil, calliginoso, estranho;
Marcados a tesoira assim como um rebanho,
E envoltos em crueis balandraus de entremez,
— As lobas, sob as quaes ha lobos muita vez! . . .
O' galuchos da fé, recrutas do Divino,
Que um chocalho de bronze hiperbolico — um sino —
Faz erguer, faz dormir, faz deitar, faz andar,
Eu não sinto por vós, *marionetes* do altar,
Nem odio, nem rancor. Sois victimas. Loyola
Dobra-vos a cerviz com a canga da estola,
E jungindo-vos, bois nocturnos, ao arado,
Rasga comvosco o negro e funebre vallado
Aonde o vosso Deus semeia para a infancia
A flor da estupidez e o trigo da ignorancia.
A Egreja, a cortezã sensual do ventre obeso,
Hontem mulher de Christo e hoje mulher de Creso,
Para a rapina odiosa e vil de que se nutre
Mochos, deu-vos a calva ortodoxa do abutre!
Matilha de Leão XIII a vossa presa é o mundo.
Tartufo, bode obsceno e theologo profundo,
Ensina-vos, conforme o ritual mais perfeito,
A cruzar, como S. Francisco as mãos no peito,
Sob a sotaina arqueando a gravidez das panças,
A impor jejuns, benzer caixões, salgar creanças,
A grunhir, a ladrar sermões, missas cantadas.
E a escripturar o céo por partidas dobradas.
Não vos odeio, não, palidos salafrarios;
Vós sois unicamente os comparsas mortuarios
Do papa, esse Barnum que assombra a multidão,
Com o Espirito Santo a vir comer-lhe á mão
Satanaz a frigir (sarrabulhada tragica!)
Heresiarchas de estopa em caldeirões de magica,
E Jehovah, um urso estupido e cruel
A lamber-lhe a sandalia, a babujar-lhe o annel,
E ameaçar furibundo este mundo precito
A rufos de trovões no tambor do infinito.
A Egreja é uma serpente escura, bicho immundo
Gigantesco reptil que dá a volta ao mundo,
E em cujas espiraes ebrias de raiva insana
Um Lacoonte immortal -a consciencia humana,
Ha seculos se estorce em convulsão atroz.
Os ellos d'esse monstro implacavel sois vós,
Sacristas. A cabeça é o papa.
Ora as serpentes
Tem a força na cauda e o veneno nos dentes!

Guerra Junqueiro.

Os dois ladrões

Dialogo entre Alexandre, conquistador do Oriente e um prisioneiro:

Alexandre — Como! Tu és o ladrão thracio, cujas façanhas ouço referir frequentemente?

Prisioneiro — Eu sou thracio, e soldado.

Alexandre — Soldado!... Tu és um ladrão, um devastador, um assassino, a praga do paiz. Eu admiro teu valor, porém devo aborrecer e castigar teus crimes.

Prisioneiro — E que fiz eu que possais lançarme em rosto?

Alexandre — Não tens insultado minha autoridade, perturbado a tranquilidade publica e passado a vida prejudicando aos teus compatriotas em suas pessoas e em seus bens?

Prisioneiro — Sou vosso prisioneiro.... é verdade... Tenho que escutar o que entendais dizerme e sôffrer o castigo que me impozerdes. Mas o meu espirito é livre, e si consinto em responder ás vossas recriminações, só farei como um homem livre que sou.

Alexandre — Fala livremente. Longe de mim a ideia de impôr silencio aos que tenho a bem que falem.

Prisioneiro — Quero responder a vossa pergunta com outra pergunta. Como tendes passado vossa vida?

Alexandre — Como um heróe. Minha fama o explica. Eu tenho sido o mais bravo entre os bravos, o mais nobre dos soberanos e o maior dos conquistadores.

Prisioneiro — A fama não vos tem falado tambem de mim? Houve nunca capitão mais atrevido á cabeça de tropa mais valente? Não quero gabar-me, porém, vòs sabeis que não foi facil prender-me.

Alexandre — Que és tu sinão um ladrão, repito... um ladrão desprezivel e sem probidade?

Prisioneiro — E o que é, tambem, um conquistador? Não haveis percorrido a terra como um mau genio, destruindo bellos frutos do trabalho e da paz... roubando, devastando, matando, sem lei e sem justiça, simplesmente por satisfazer a una sêde insaciavel de dominio? Tudo o que eu tenho feito em uma região com uma centena de homens, vós o haveis feito com milhares de homens em comarcas inteiras. Si eu despojo a simples individuos, si tenho incendiado alguma aldeia, vòs haveis levado a desolação ao seio dos reinos florescentes e das cidades mais ricas. Onde està, pois, a differença?

Alexandre — Mas si eu tenho roubado como rei, como rei tambem dou; si derribo imperios, fundo imperios maiores. Protejo a arte, o commercio e a filosofia.

Prisioneiro — Eu tambem tenho sido generoso. Dou aos pobres o que tomo aos ricos. Faço reinar a ordem e a disciplina entre os homens mais ferozes da Umanidade. Hei protegido ao oprimido. Para dizer a verdade, conheço pouco a filosofia de que falais; sem embargo, creio que nós outros jamais indenizaremos ao mundo do mal que lhe temos feito.

(Traduzido de *El Sol*, de Buenos Aires.)

A significação do militarismo

E' necessario não perder de vista o verdadeiro significado das coisas. O militarismo é o ultimo termo duma serie logica de deduções, sendo a primeira — o ponto de partida — a aprovação, a admiração da ordem economica, social, politica, existente. E a lucta contra o militarismo é sem sentido se não è uma lucta contra o proprio principio base dessa ordem.

Quer-se a autoridade? Então ahi está a força, a baioneta e finalmente o militarismo. Uma autoridade sem sancções concretas não poderia sustentar-se. O regime capitalista sem militarismo marcha direito e rapidamente para o esfacelo.

Para que uma sociedade civilizada possa existir sem militarismo, è necessario que se baseie sobre outra coisa que não seja a autoridade. Ora, fora da autoridade, ha apenas um outro principio, unicamente outro, capaz de criar e de conservar organismos colectivos humanos: é a solidariedade.

O militarismo não passa dum paravento, e nós descobrimos que por trás delle se agitam aquellas forças elementares, cuja lucta determina a evolução da historia, e que se podem chamar autoridade e solidariedade — ou egoismo e altruismo — e, mais simplesmente, violencia e amor.

MAX NORDAU.

Quanto mais consciencia tiverem os trabalhadores, que são o numero, tanto mais facil será o triumpho da Revolução Social.

Eliséo Reclus.

Uma boa publicação

„IL PENSIERO“

revista quinzenal de Sociologia, arte e litteratura. Caixa Correio 142 — *Roma*

Anno L. 7 — Semestre L. 3,50.

Havia uma lacuna intellectual no movimento anarchico italiano e os companheiros Gori e Fabbri têm feito obra boa enchendo-a. —

„Il Pensiero“ que Camillo di Sciullo, escrevia, imprimia, publicava e... pagava em Chieti, nos Abbruzzos, aonde as fés são firmes como os granitos dos Apenninos; „Il Pensiero“ periodico que as tempestades reaccionarias suspenderão prendendo, condemnando o bom De Sciullo, é publicado agora em Roma como revista.

Uma revista cheia de bons conceitos, livre de iras dogmaticas e de panegyricos de tribunos bebedos densa de idêas e de boas intenções.

No primeiro artigo com o titulo sintetico „Vigilia d'armi“ Gori escreve: „Temperamos de novo a penna e a fè agora já veteranas entre tantos ephebos da ultima hora social e firmamos de razões supremas couraças invenciveis do pensamento e materializamos sobre os factos, arautos victoriosos das idêas e reforçamos de enthusiasmos, primaveras eternas da vida, esta nossa utopia não amainhada nos procellosos crepuscolos das velhas patrias, e toda aberta no vendaval, alèm dos oceanos longimos.

Passou a primavera dos annos, que fazia desabrochar descuidosos do coração os cantos da chiméra immediata e suave; soprou sobre as verdes illusões o vento aspero da calumnia e da cobardia; fracassou sobre os sonhos o chuvisco das amarguras implacaveis. Mas como o bejo materno que é a mais pura doucura da vida, explanou as rugas da nossa fronte na volta da cadeia o do exilio, — assim esta nossa filial visão relampagante de coleras e de pazes immensas, resplandecente de mocidades e de sorrisos novos, as alvejadas milicias da avanguarda que acampão aqui, perante o inimigo....“

Pois bem, de alèm oceano, chegão a vos verdadeiras e alvejadas milicias, das terras dos faceis heroismos, os augurios de todos aquelles que mantenhão firme a fé no pensamento e na acção revolucionaria.

VINICIO.

E' melhor um lavrador mostrar uma farta cultura, do que uma grande propriedade.

Ioigneaux

Subscripção voluntaria

O dinheiro que sobrar desta subscripção, destina-se como auxilio ao jornal a „Agitação“ de Roma (Italia) e para acquisição de folhetins de propaganda libertaria.

Rogamos portanto aos companheiros do interior do estado aos quaes nos remettemos exemplares d'esta publicação, de mandar-nós, o mais cedo possivel o que já recolheram ou o que recolherão.

O GRUPO EDITOR.

....Se todos os homens pensassem quanto esta vida é breve e vã .... não teriam medo da morte: agora quem não tem medo de morrer é sempre senhor da vida do seu tyranno.

Domenico Guerrazzi.

Typ. „Der Beobachter“
Travessa da Proclamação Nr 5 — Curityba.